

In memoriam Tanya Reinhart

Ana Maria Brito
abrito@letras.up.pt

Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)

No dia 17 de Março morreu subitamente, em Nova Iorque, Tanya Reinhart, reconhecida linguista israelita. Poucas vezes a morte de um linguista me tocou tão profundamente! Não sendo sua amiga pessoal, embora tendo-a encontrado nalguns colóquios e congressos, tento perceber as razões deste sentimento de perda e percebo que as razões são, afinal, fáceis de encontrar: Tanya Reinhart era não só uma das mais prestigiadas e brilhantes linguistas da actualidade, com trabalho relevante sobre anáfora, teoria temática, foco, quantificação, elipse, tudo isto no quadro de preocupações mais alargadas sobre a natureza da linguagem, como era uma voz corajosa e empenhada, capaz de denunciar os abusos do governo do seu país e as inúmeras tentativas de “destruir a Palestina”, título de um dos seus livros.

Tendo estudado em Israel e feito o seu doutoramento no MIT com Noam Chomsky em 1976, Tanya Reinhart trabalhou durante largos anos em semestres distintos em duas instituições universitárias, no Departamento de Poética e Literatura Comparada de Telavive e no University Language Institute de Utrecht (OTS), onde era responsável pela cátedra de Interfaces; no seminário de Outono de 2006 foi “Global Distinguished Professor” na Universidade de Nova Iorque.

Nos anos 70 do século XX, Reinhart estudou essencialmente a anáfora; nessa década, os estudos sobre este tema eram dominados pelas investigações de Langacker e de Chomsky. Era já consensual que sobre a anáfora estrita pesam várias condições de natureza formal. Reinhart formulou de maneira decisiva a condição de “c-comando” entre o antecedente e a expressão anafórica na sua tese

de doutoramento, que viria a publicar, muito remodelada, sob a forma de livro, em 1982, sob o título *Anaphora and Semantic Interpretation*. A Teoria da Ligação que Chomsky propõe em 1981 em *Lectures on Government and Binding* marcou uma etapa decisiva para o entendimento das condições a que obedece a distribuição das expressões nominais; tal teoria era baseada na ideia de três princípios complementares: um sobre a distribuição de anáforas (Princípio A: a anáfora deve ser ligada (num domínio local)), outro sobre pronomes (Princípio B: os pronomes devem ser livres (num domínio local)) e outro sobre expressões referenciais (Princípio C: as expressões referenciais são livres). Num artigo de 1983 (“Coreference and bound anaphora: a restatement of the anaphora questions”), Tanya Reinhart veio questionar que a distribuição das expressões referenciais seja regulada por um princípio da gramática e sugeriu que há estratégias pragmáticas sobre a interpretação dessas expressões. Logo aí, a ideia de interface entre a sintaxe e outras áreas da gramática se começa a esboçar. Em 1991, em parceria com Eric Reuland desenvolve uma nova e original perspectiva sobre anáfora (“Anaphora and logophors: an argument structure perspective”), recuperando algumas reflexões de Jespersen e de Gleason, cada vez mais baseada na importância da estrutura argumental e das propriedades lexicais dos verbos. Os autores distinguem anáforas do tipo “se”, tipicamente orientadas para o sujeito, e anáforas de tipo “self”, não intrinsecamente orientadas para o sujeito, e por outro lado, desenvolvem a distinção entre anáforas locais e anáforas de longa distância ou logóforas, típicas de algumas línguas.

Foi nessa altura que Tanya Reinhart esteve em Portugal, no *workshop* organizado pela Associação Portuguesa de Linguística sobre anáfora, e que se realizou em Ofir em 1990. O texto com Reuland é então publicado nos *Cadernos da APL*, por especial cedência dos seus autores, antes mesmo de vir à estampa num volume colectivo da responsabilidade de Koster e Reuland, na Cambridge University Press. Poucos dias depois do *workshop* de Ofir, Reinhart esteve no Anfiteatro grande da “velha” Faculdade de Letras do Porto, na Rua do Campo Alegre, onde proferiu uma conferência sobre o mesmo tema.

Outra preocupação central na obra de Tanya Reinhart é a articulação Léxico-Sintaxe, nomeadamente a questão de saber como

é que a um mesmo significado verbal correspondem diferentes configurações sintácticas. Em 2000, no livro intitulado *The theta system: syntactic realization of verbal concepts* e a partir da análise da passiva, da alternância causativa/anticausativa, das construções médias, dos Vs inacusativos, Reinhart chega à formulação do Princípio da Uniformidade do Léxico, segundo o qual a cada conceito verbal corresponde uma só entrada lexical e uma só estrutura temática, e à formulação de operações lexicais que actuam sobre as estrutura temáticas, nomeadamente de Redução e de Saturação. Partindo de dados do Hebreu, que tem inúmeros casos de alternância, morfologicamente visível sob a forma de afixos, entre verbos causativos e verbos inacusativos, Reinhart desenvolve a ideia de que o conceito verbal associado aos verbos inacusativos inclui um papel de causa que é reduzido (Reinhart 2000b: 21).

Deixei para final a referência a uma série de textos que Reinhart foi produzindo ao longo das décadas de 90 e primeira do nosso século e que culminaram no seu livro de 2006 (não sendo por acaso que ele retoma o título geral de um outro, surgido em 1995) *Interface Strategies, Optimal and Costly Computations*.

O enquadramento geral das suas reflexões de mais de dez anos é o seguinte. A linguagem é usada para comunicar, para pensar, para argumentar. Mas a comunicação e o uso não conseguem explicar a formas das línguas humanas, uma vez que esses objectivos são comuns a línguas naturais que são muito distintas entre si. Uma das questões que se coloca é perceber a divisão de trabalho entre as várias componentes da gramática, o que, na perspectiva da Gramática Generativa, corresponde a perceber qual a divisão de trabalho entre as várias componentes do conhecimento linguístico. Várias hipóteses se colocam: a) as propriedades ligadas ao uso estão codificadas no sistema computacional, a sintaxe, através de traços sintácticos do sistema ou através de derivações sintácticas ou através de condições sobre derivações; b) não há qualquer relação entre o uso e o sistema computacional; c) há estratégias de interface que associam o sistema computacional ao uso (Reinhart 1995: 1). O objectivo dos dois livros que Reinhart dedica a esta reflexão é discutir a divisão de trabalho entre a) e c) e, a pouco e pouco, a questão colocada é perceber a natureza das estratégias que permitem a interface do sistema

computacional da gramática com os diferentes sistemas cognitivos envolvidos na linguagem, que na sua concepção são o sistema de conceitos, a inferência, o contexto, os sistemas sensório-motores (Reinhart 2000a: 5). Não é por acaso que os domínios linguísticos estudados nestes dois livros são o escopo dos quantificadores, o foco, a anáfora, as implicaturas escalares, o tópico, a elipse¹, porque se trata de domínios em que a divisão de trabalho entre as componentes se coloca de maneira mais complexa. No referido livro de 2006, um texto denso e difícil, o ponto de partida é a hipótese chomskiana de que a linguagem é um “desenho ótimo”, não no sentido da Teoria da Optimidade, em que a optimidade é um tipo de computação feita fora de um conjunto de referência, mas no sentido de que a “linguagem é uma solução ótima para as condições de legibilidade”, como afirma Chomsky (2000, p. 96), sendo neste livro as estratégias de interface vistas como a reparação das “imperfeições” (Reinhart 2000a: 5). As possíveis “imperfeições” requerem a construção e a comparação de um conjunto de descrições alternativas de modo a determinar se uma determinada operação é a única maneira de encontrar os requisitos de interface. Nesta obra, parte da evidência para a ideia de “computação de um conjunto de referência” vem de dados da aquisição da linguagem, uma vez que a “memória de trabalho” das crianças não é igual à dos adultos, justificando que a computação do conjunto de referência falhe em certas tarefas.²

Pela breve apresentação que fiz, fica claro que o conhecimento da obra de Tanya Reinhart é indispensável não só aos linguistas mas também a todos aqueles que se interessam pela compreensão da cognição humana.

Comescrevi logo no início, Tanya Reinhart não foi apenas a linguista brilhante mas foi também a mulher corajosa e empenhada que lutava, através da colaboração regular em jornais e de conferências, por uma Palestina independente. Nesse âmbito publicou *Destruir a Palestina, A segunda metade da guerra de 1948*, traduzido para português na

¹ Os quatro primeiros temas são tratados no livro de 2006, os dois últimos no livro de 1995.

² Sigo aqui de perto o texto de apresentação do livro escrito pela própria Reinhart.

Caminho, e *The Roadmap to Nowhere: Israel/Palestine since 2003*, de 2006. Não é por acaso que entre as primeiras manifestações de pesar pela sua morte, nos dias em que escrevo estas linhas, figuram as de activistas da causa palestiniana.

Um mulher assim não merecia morrer tão cedo, mas os seus livros continuarão a manter Tanya Reinhart entre nós.

REFERENCES

- Chomsky, N. 2000. *New Horizons in the Study of Language and Mind*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Reinhart, T. 1995. *Interface Strategies*. Utrecht: OTS Working Papers.
- Reinhart, T. 2000a. *Interface Strategies, Optimal and Costly Computations*. Cambridge MA: MIT Monographs.
- Reinhart, T. 2000b. *The theta system: syntactic realization of verbal concepts*. Utrecht: OTS.

